

Carta sobre meu amigo Kaciano Gadelha dirigida a quem o amou, a quem não o conheceu e a quem o conheceu pouco

■ *María Elvira Díaz Benítez*

Conheci Kaciano em 2011, não sei se em agosto ou setembro. Às vezes acho que estou embaralhando tudo e que realmente o conheci no primeiro semestre desse ano. Sei que esse dado não é relevante, mas hoje, que ele não está mais, adoraria ter certeza, como numa tentativa desesperada de guardar comigo cada instante compartilhado, cada lembrança, inclusive aquela em que ainda não éramos amigos.

Não lembro da data, mas lembro da cena: Kaciano vestia uma camisa branca e uma calça jeans, e sentado a poucos passos de mim, na parte exterior do IFCH, na Unicamp, lia um livro cuja capa eu não consegui ver, e de quando em quando olhava para mim timidamente e sorria. Eu carregava o Gael, meu filho, que naquele momento era um bebezinho. Na verdade, ele olhava para meu bebezinho. Ambos aguardávamos a aula de Antropologia da Violência de Maria Filomena Gregori, que começava às 14h. A turma era muito especial, simbolicamente se dividia entre aqueles que vínhamos da área dos estudos de gênero e sexualidade, e aqueles que trabalhavam mais diretamente violência e processos de Estado. Era uma turma numerosa e pairava no ar um ímpeto muito grande de participação e interesse. Grande parte dos colegas com os quais dividi esse curso hoje são professores de universidades estaduais e federais e antropólogos de grande reconhecimento. Em meio a leituras ávidas, comentários críticos e sacações fulminantes, eu logo percebi que Kaciano se destacava, e logo passei a sentir que cada vez que ele pedia a palavra, algo muito bom estava por vir. Ele nunca me defraudou. Com o passo dos dias, posso afirmar, sem exageros, que passei a me interessar basicamente por suas colocações, as quais anotava em meu caderno com a certeza de que estava registrando uma perspectiva inusitada sobre o assunto em debate.

Assim nasceu uma relação em que eu silenciosamente o admirava, e muito. Tampouco exagero quando digo – e meus alunos já me escutaram muito afirmar – que Kaciano é um dos melhores pensadores das ciências sociais, de minha geração, no Brasil.

Acredito que a grandiosidade de suas perspectivas vinha não apenas do que eu sempre considerei uma inteligência ímpar, mas de sua formação interdisciplinar. Graduado em psicologia, logo se tornou mestre em sociologia pela Universidade Federal do Ceará e, posteriormente, doutor em sociologia na Freie Universität Berlin.

Grande leitor de filosofia, psicanálise, artes, teorias da performance, teoria queer e pensamento negro radical. Fluente em inglês, alemão e espanhol, sempre me apresentava “autores raros”, fossem filósofos clássicos que ele lia em alemão original e que nunca foram traduzidos ao português, fossem autores contemporâneos latino-americanos, de origem árabe ou afro-estadunidenses que publicaram obras recentes. Kaciano sempre estava atualizado, era um feroz buscador de novidades teóricas, e lia tudo com absoluto respeito e profundidade. Para mim, como colega, era um privilégio poder escutá-lo.

Após seu passo pela Unicamp como aluno especial, fez uma estância como pesquisador visitante na Universidade Nacional Autônoma de México, UNAM. Um ano depois, em 2012, participou de um Programa de intercâmbio para estudantes de doutorado na Columbia University. De volta à Alemanha, em 2014 defendeu sua tese intitulada “Virtualização do corpo e sexualidades online: encontros gay, gênero e performatividade”, que recebeu *magna cum laude*, máximo reconhecimento.

Durante todo esse tempo mantivemos comunicação por e-mail, sempre comentando um ao outro as nossas novidades. Ainda guardo a mensagem entusiasta que ele me enviou em 2012 quando eu fui aprovada como professora na pós-graduação em antropologia social do Museu Nacional: “amiga, você merece”, ao que eu disse: “quando você voltar vamos fazer muitas coisas juntos”.

Logo após seu retorno ao Brasil, em 2015 ingressou como pesquisador pós-doutor do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. Ali desenvolveria a pesquisa intitulada “Hélio Oiticica: arte, paisagem e biopolítica”, em que se propôs colocar em diálogo a intervenção estético-epistemológica do artista com o pensamento do filósofo queer Paul Preciado, em atravessamento com as ideias sobre simetria e natureza de Bruno Latour: novamente uma conversa inusitada, lembro que foi o pensei quando me contou sobre sua pesquisa.



Kaciano em Fortaleza com a turma da aula *Performance e teoria queer*

Foi naquele momento, quando ele realizava seu pós-doc, que mais nos aproximamos academicamente. Por caminhos diferentes, percebemos que ambos tínhamos interesse por entender as dinâmicas sociais e subjetivas do nojo. Ele chegaria a essa procura da mão da arte, muito especificamente da performance art, em que gramáticas do nojo se faziam presentes, muitas vezes pelas vias da erotização, ou pelo “gozo do negativo”, como ele costumava dizer, ou pela posituação do nojo como ato de resistência e dispositivo para outras formas de imaginação política. Eu chegaria à temática do nojo por via etnográfica: acompanhando a realização de filmes de fetiches extremos que faziam uso de secreções corporais. Para além do que filme e performance pudessem “representar”, ambos nos perguntávamos por uma dimensão mais psíquica do nojo. Quando comentei a Kaciano meu interesse por ler psicanálise, em questão de horas me enviou numerosos livros em PDF e longas listas de autores e textos que me poderiam interessar. O ritmo de minhas leituras avançava muito aquém de seu entusiasmo e da velocidade com que me cobria de dicas e referências. Mais uma vez me sentia unida a ele por um sentimento daqueles que a gente cultiva por um professor extremamente generoso. Meu amigo me ensinava de um jeito que eu jamais pude retribuir. Foi nessa época, meados de 2016, quando ideamos nosso curso “Nojo, humilhação e desprezo no fazer social”, que ministramos juntos no Museu Nacional, no primeiro semestre de 2017. Esse momento representou um marco para nós. E quando digo nós, me refiro ao pessoal do núcleo que eu coordeno, o NuSEX (Núcleo de Estudos em Corpos, Gênero e Sexualidade), e para a turma que nos acompanhou e que carinhosamente passou a chamar meu amigo de “Tia Kaci”. Esse curso foi marcante para os devires de várias pesquisas que o coletivo desenvolve e para os nossos vieses analíticos. Mas sobretudo, de um modo muito especial e espontâneo, a presença formosa de Kaciano e a maneira como transmitia seu conhecimento em sala de aula geraram uma atmosfera de enorme afeto e carinho que transbordava e atingia todos nós e também outros estudantes que se aproximavam interessados por nossas atividades. Até hoje, de brincadeira, o pessoal daquela turma chama a si de “as humilhadas”, como demonstrando que a confraria tem permanecido apesar do passo do tempo.

Kaciano foi meu grande amigo, mas nunca visitou minha casa. Isso para mim é um mistério. Eu, a diferença do costume carioca de chamar os amigos a bares e botecos, acredito que uma boa amizade se constrói em casa, no espaço mais íntimo e doméstico, rodeados das coisas que fazem parte de nosso cotidiano, longe do barulho das multidões e através de nossa própria comida, vinho e música. Mesmo que eu ame alguém, sinto que se não me convidou para sua casa ou ele não veio na minha, algo falta e o ritual está incompleto. Mas acontece que Kaci e eu tivemos desde o começo uma amizade marcada pela distância, e quando ele esteve no Rio tinha tanta vontade de visitar lugares, de acordar cedo e olhar o sol e o mar pela janela do quarto que alugou em Ipanema, de perceber a arquitetura da cidade (sempre pensando no Hélio Oiticica), e de reconhecer aqueles pedaços da cidade que ele muito conhecia já pelas etnografias sobre travestis, gays e queers que retratavam um Rio de Janeiro específico. Kaciano tinha naquele momento uma vontade enorme de viver intensamente, e seu desejo misturava procuras existenciais e acadêmicas simultaneamente: seu amor e sua luta pela pretitude dissidente sexual e de gênero. Por isso, nos poucos meses que moramos na mesma cidade, sempre que ele não passava um final de semana lendo ou assistindo filmes em casa, o destino era a rua, as derivas de uma noite carioca em que frequentemente eu ou alguma de “as humilhadas” estava junto. Uma das noites mais divertidas que dividimos foi um sábado de abril, que começou com um bolo de aniversário e um canto de parabéns para mim na casa de Nathalia Gonçalves, outra antropóloga grande amiga de Kaci, e terminou com um bonde saindo dali e se encontrando com outro bonde na CasaNem, na Lapa. Aquele dia Indianare Siqueira organizara um evento de arrecadação de dinheiro para pagamento do aluguel e das despesas da casa em que ela e muitas outras mulheres trans moravam e que sofria ameaças de despejamento. Dançamos alegremente no show de Linn da Quebrada, vibramos diante do discurso comovedor de Indianare, tiramos uma série de selfies como nos assegurando de que aquele momento ficasse registrado para a posteridade. Sair com Kaciano era uma delícia, mas ainda ressinto de não ter feito questão de que visitasse minha casa, adoraria ter cozinhado para ele.



Na foto Kaciano abraça Rodrigo “Eva” Coelho e Nathalia Gonçalves, seus dois mais próximos amigos do clube de “as humilhadas”, junto a eles, Bruno Zilli, Montse Valle, Telma Bermeguy e eu.

Um pouco antes do final desse semestre de 2017, ele precisou voltar a Fortaleza para cumprir compromissos de seu pós-doc. Mas àquela altura do ano o Nussex preparava um evento¹ e esse era o motivo que prometia nosso reencontro. Ele chegou no dia 27 de junho, com uma pequena mochila de roupas porque somente ficaria no Rio alguns dias. Do aeroporto foi direto ao Museu Nacional. A ele foi reservado o debate da mesa de encerramento, intitulada “Arte, performance e micropolíticas”, que Kaciano prestigiou com uma intervenção inesquecível.



Kaci debatendo no Nussex. Atrás, nosso amigo Hugo Prais o observa com atenção.

Foto de Nathalia Gonçalves.

Durante 2018 Kaciano se preparara para fazer concursos docentes, ou para voltar à Alemanha, o que também era seu grande desejo. Trás o final de seu pós-doc em Fortaleza algumas possibilidades se deram, mas sua aprovação para professor adjunto de Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande acabou por definir seu destino imediato. Afinal, voltar ao exterior significava também se afastar de seus principais afetos e essa era uma difícil decisão. Kaciano era muito apegado à sua família, um filho tremendamente carinhoso. Sempre utilizava expressões como “a mamãe, o papai” em um tom quase infantil. Conheci em fotos Silvia e Fernanda, suas irmãs mais novas, “Las Gadelhas” como costumava dizer, conheci também seu sobrinho Pedro. Mas de quem mais escutei falar ao longo dos anos foi de Jose Juliano, seu irmão também acadêmico e artista, com quem dividia a paixão por autores negros e queer. Seus olhos brilhavam ao falar do Juliano, sua alma gêmea, um de seus principais motivos de orgulho.

¹ II Seminário do Nussex: Gênero, Corpos e Sexualidades em debate. Mais informações e: <https://www.nusexufrj.org/eventos.html>



Kaciano com suas irmãs, irmão e sobrinho, “Las Gadelhas”.

Foi assim que Kaciano ficou num Brasil que lhe ofereceu oportunidades, mas que também se apresentou hostil. Quando nos reunimos de novo, na Reunião de Antropologia do Mercosul, em Porto Alegre, em julho de 2019, Kaciano me disse que sentia que a vida naquela cidade do sul fria e branca, Santa Vitória do Palmar, não estava sendo fácil. Não me contou detalhes penosos naquele momento, ao contrário, concentrou-se em falar das coisas que o emocionavam, como sua principal novidade: a criação de um coletivo de debate em relações raciais e pensadores negres que logo depois se chamaria Grupo de Estudos Epistemologias Negras, e sua participação no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/FURG). Algum tempo depois me contou de sua transferência para o campus de Rio Grande e seu passo à coordenação do NEABI.

Essa foi a penúltima vez que nos vimos em pessoa: três dias intensos em que compartilhamos o mesmo hotel e dividimos o mesmo Grupo de Trabalho, “Antropologia do Desejo”, e a mesa redonda, “Epistemologias negras: Debates clássicos e contemporâneos”, que juntos havíamos planejado e da qual também participaram os antropólogos negres Fatima Lima (UFRJ) e John Antón Sanchez (IAE, Equador).



Kaciano, Fatima John e eu na RAM de 2019

Nosso último encontro coincidentemente também foi em Porto Alegre, em 15 de março de 2020, dois dias antes do começo da quarentena por covid 19. Eu tinha sido convidada para palestrar no departamento de antropologia, e ele tomou um ônibus desde Rio Grande e viajou para acompanhar-me. Estivemos juntos apenas algumas horas, mas o momento do almoço, e a viagem até o aeroporto na companhia de nossa amiga Vi Grunvald, falando todo tipo de futilidades e dando altas risadas foi suficiente para matar saudade. Antes de nos despedirmos ele tirou de sua mochila um presente que sabia que me faria feliz: “A dívida impagável” de Denise Ferreira da Silva, autora da qual há já algum tempo vínhamos trocando ideias. “Que bom que já não precisarei ler em PDF”, pensei.

Enquanto escrevo estas palavras reviso meu whatsapp com o desejo de ali encontrar um áudio em que Kaciano me comentava seu ponto de vista sobre a ideia de “flecha do tempo”, da Denise e a importância do Kindred, da Otávia Butler, para entender a noção de dívida, tal como a autora a construiu. Esse, e muitos outros áudios sumiram com sua partida. Ainda lembro um, do qual também participou José Juliano, em que ambos tiraram minhas dúvidas sobre algumas noções que Fred Moten e Stefano Harvey debateram no “The undercommons”, e que para mim ainda não eram precisas. Kaciano tinha a faculdade de facilitar o que era difícil, de traduzir, de “escurecer” nosso pensamento.

À distância eu acompanhava suas novidades. Sempre vibrei com sua participação em eventos de enorme relevância. Como a aula inaugural do mestrado em psicologia e políticas públicas da Universidade Federal do Ceará, em janeiro de 2021, intitulada “O enfrentamento do racismo na academia”, agenda na qual colocou muitíssimo esforço nos últimos tempos, promovendo junto ao NEABI diversas conversas sobre a necessidade de uma educação antirracista.



Reunião do NEABI. Do lado de Kaciano, sua amiga Cassiane de Freitas, por quem ele tinha um grande afeto.

Junto de Cristiano Engelke e de sua colega Lara Facioli, que rapidamente se tornou sua amiga e parceira de empreitadas acadêmicas e políticas, organizou o dossiê “Estratégias decoloniais: perspectivas antirracistas e anti-hegemônicas”, e uma série de mesas redondas e seminários sobre temáticas correlatas.

Entre suas palestras e participação em seminários nos últimos tempos, duas que acompanhei me pareceram tremendamente marcantes. A primeira, “Imagem e negridade: um diálogo com Beyonce e além” colocou em debate a temática do afrofuturismo e da performance negra contemporânea em oposição às gramáticas do silenciamento e de engessamento do arquivo racial. A segunda, sua fala na mesa redonda intitulada “A ficção racial, o fim do mundo, suas ruínas e vocês terão que dar conta disso” em que junto das pensadoras e artistas negras Michelle Mattiuzzi e Jota Mombaça nos convidou a habitar os escombros do mundo que conhecemos destruído pela violência anti-negra.

Publicou diversos artigos em inglês sobre *queer migration*, *queer visibility* e sobre metodologias de pesquisa em estudos queer. Sociologia e arte foram sempre suas ferramentas para contribuir na elaboração de outros arquivos possíveis, outras memórias para dissidentes sexuais e de gênero e para pessoas negras.

Foi nesse caminho que escreveu o seu penúltimo artigo publicado em vida. *Notas de um arquivo queer*,² onde esboça considerações teóricas e críticas da teoria queer para a América Latina, a partir de perspectivas anticoloniais e interseccionais que questionam a produção de conhecimento e seguindo as pistas deixadas por Gloria Anzaldúa, no sentido de inspirar e imaginar “um espaço-tempo *queer* que atravessa as fraturas da epistemologia colonial”.

O seu último artigo o escreveu junto a mim e ao nosso amigo, o antropólogo Everton Rangel. Em *Nojo, humilhação e desprezo: Uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social*,³ conseguimos condensar no papel as ideias que juntos articulamos desde 2017. De algum modo, esse artigo fecharia um ciclo e, simultaneamente, abriria outros em que pautas analíticas para futuros desdobramentos ganhariam densidade. Devo à escrita deste artigo e à organização do dossiê que levou o mesmo nome, uma dinâmica de intensa troca com meu amigo, sem jamais imaginar que se aproximava um final, ao menos neste mundo que conhecemos. Foram vários encontros pelo meet, muitos áudios e risadas, fotografias a páginas de livros em que algum de nós três queria destacar um trecho, prints da tela do computador como para novamente guardar esses momentos para a posteridade.

² “Notas de um arquivo queer”. *Revista Interdisciplinaria de Estudios de Género de El Colegio de México*, vol 7, 2021. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S2395-91852021000100211&script=sci_arttext_plus&tlng=pt

³ Nojo, humilhação e desprezo: Uma antropologia das emoções hostis e da hierarquia social. *Anuário Antropológico*, vol 46, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/8898>



Kaci, Eve e Melvi em um dos tantos prints que fizemos de nossas conversas

Trabalhar com Kaciano não era apenas profundo e produtivo. Era também leve e transformador. Ele dizia que estava em nossas mãos recriar um trabalho intelectual longe de competições absurdas que pudessem afetar negativamente as nossas emoções. Ele reprovava relacionamentos entre colegas em que pesasse mais o produtivismo do que a empatia e o respeito. “A academia faz adoecer” me disse meu amigo em algumas de nossas conversas mais recentes. Seu projeto de vida se dirigia a contribuir na construção de uma intelectualidade que ele chamava de “black excellence”, expressão que inúmeras vezes o escutei proferir para se referir a artistas negros ao redor do mundo, inclusive suas divas do pop favoritas, pensadorxs trans negros brasileiros, e a epistemologia negra e anticolonial que teve lugar ao longo do continente americano, e que ele tão bem conhecia. Em um dos nossos últimos áudios me comentava que em seu núcleo de pesquisa estavam lendo autores africanos de diversas linhas de pensamento. Hoje eu digo que Black excellence é uma expressão perfeita para descrever o que foi em vida Kaciano Gadelha.

Em seus últimos tempos tinha se dedicado a revisar a versão em português de sua tese de doutorado. Tínhamos falado sobre a importância e a necessidade de que fosse publicada no Brasil e lida por todos nós. Mas ele dizia que precisava mexer em várias passagens, aprimorar uma ou outra discussão, editar alguns trechos. Eu prometi me somar a essa empreitada. Publicar seu primeiro livro autoral tinha se tornado um projeto que trazia regozijo a seus dias, e com certeza o regozijo será nosso quando nos deparemos com as páginas de uma pesquisa à qual Kaciano dedicou anos de trabalho, leitura e escrita.

A uma pessoa tão sensível e idealista de um mundo justo para pretos, pobres e queers, a realidade em que vivemos se torna mais chocante. Kaciano morava em Fortaleza quando aconteceu o assassinato brutal da Dandara dos Santos. A cidade em que nasceu e cresceu se tornou absolutamente ameaçadora para pessoas gay e trans. Ele me disse que temia por ele, por Juliano e por tantas e tantas pessoas de seu convívio. Tudo em que ele acreditava se deparava com o terror e o ódio. E sentir o racismo em sua própria pele, inclusive em seus contextos de trabalho, criou feridas que lutava por fechar. Meu amigo me disse que se sentia fragilizado e

hostilizado, mas meu “black optimism” não me permitiu entender a profundidade de seus sentimentos. Procuro em nossas conversas pistas do que deixei escapar. Encontro uma do dia 2 de novembro de 2021 em que me escreve “O Jaider Esbell faleceu, triste. Ninguém mais aguenta esse mundo cão”, “muito triste”, respondo eu, “não da, temos que nos cuidar, ficar bem”, “temos muito, abraços amiga”, me disse um pouco antes de que mudássemos de assunto.

O racismo desse mundo cão fez adoecer meu amigo. Era isso que ele sentia. À sua família manifestou que desejava renascer e pediu licença para sua mamãe, que junto de seu esposo e filhos ofereceu todo o amor e alívio possível. Às vezes penso que este mundo não está preparado para a imensidão de pessoas como Kaciano Gadelha. Ele é para mim uma estrela cadente, daquelas que a gente vê uma ou pouquíssimas vezes na vida, mas que justamente por isso deixa uma lembrança eterna.

Meu amigo renasceu no dia 9 de dezembro de 2021, e algo muito forte dentro de mim me diz que ele está bem.

Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 2022

María Elvira Díaz Benítez
é professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS)
do Museu Nacional (UFRJ) e é amiga de Kaciano Gadelha, parceira de
pesquisas, reflexões e luta desde o ano de 2011.